

# HIPÓLITO DA SILVA: UM POETA CONTRA AS OLIGARQUIAS

## O Código

Nada mais natural. Põe isto em evidência,  
Que perante a justiça ou perante a consciência,  
O roubo não será jamais qualificado  
Propriedade legal senão do expoliado,  
Que pode, a qualquer tempo, havê-lo sob a mão.  
A lei que declarou cúmplice do ladrão  
Aquele que se faz partícipe do crime,  
Deu-lhe uma parte nele, e se ao ladrão oprime  
A falta cometida, ao outro, em resultado,  
Toca a parte moral do fato condenado,  
Que passa, ante a justiça, intacto e monstruoso  
Das mãos do criminoso às de outro criminoso.

Ora, todo africano escravo, teve, outrora,  
Uma jóia também – a liberdade, e fora  
Roubado por um vil pirata, um salteador.

– Eis como o negro teve o primeiro senhor.

Depois, este o vendeu a um outro, como um cão;  
Este outro o revendeu nos lotes de um leilão,  
Sempre auferindo lucro aquele que o comprava.  
E assim, quem neste infame e vil comércio entrava  
la tomando gosto à excelsa ladroeira,  
E passando de mão em mão, de feira em feira,  
A seu senhor atual o negro enfim chegou.

No entanto, a mesma lei que há pouco condenou  
O comprador da jóia; a mesma lei austera  
Faz-se cúmplice agora, e já não é mais severa  
Para o homem que rouba a liberdade a um homem!  
Tudo o que o infeliz produz outros consomem,

E aquele a quem se usurpa a atividade e a vida,  
Passa de possuidor a coisa possuída.  
É um animal que exposto ao sol, a chuva, ao frio,  
Produz e produz sempre. Inteligência e brio  
São coisas que não tem; e quando perseguido  
Levanta para a lei o braço amortecido  
Ao peso do labor, e pede que a justiça  
O vá tirar dali, daquela infame liça  
Do trabalho servil que o seu viver esconde;  
A justiça, cruzando os braços, lhe responde  
– Nada posso por ti, meu velho, isto é imoral,  
Bem sei, mas que fazer! A compra foi legal  
E paga na ocasião... Lavrou-se uma escritura,  
Com os selos da lei, contendo a assinatura  
De um notário... Já vê, a coisa é muito séria.  
Além disso, teu dono entende da matéria:  
Paga-nos pontualmente a taxa da matrícula;  
E como este país é essencialmente agrícola  
E teu senhor comprou este ano muita gente,  
Estamos esperando agora, unicamente,  
Que ele aprenda a assinar o nome por extenso,  
Para fazer Barão...

        Tenho um pesar imenso  
De ver-te sem vintém, sem lar, sem um amigo,  
A ti, que és da riqueza atual fator antigo.  
Mas que posso eu fazer em teu favor? A sorte  
Fez-te escravo... paciência! Um dia vem a morte  
E te liberta enfim! Eu cá, ó miserável,  
Direitos não te dou, porque és irresponsável.  
Quem responde ante a lei por ti, é teu senhor;  
Só ele. E se é perverso e mau... tanto pior  
Para quem lhe dá o pão em troca do castigo,  
Tu não conheces inda aquele adágio antigo:  
"Quem poupa o inimigo alfim às mãos lhe morre"?

O pobre escravizado ao ouvir isto, corre  
E enforca-se. Ou então, volta para o trabalho,  
Suporta quanto pode o tronco e o vergalho  
E toda a legião de crimes... permitidos.  
Mas chega um dia em que – despertos os sentidos,  
Lança a mão ao feitor que o corpo lhe tortura,  
E mata-o como um cão... Logo depois procura  
A justiça, e relata o fato praticado.

- Olá! Diz ela então. Mataste? És um malvado,  
O código te pune, aplica-te uma pena.
- O tigre também mata e ninguém o condena.
- Mas é um irracional!

– E eu? Não sou escravo?  
– Por isso mesmo; o tigre é livre!  
– Porque é bravo,  
Aliás, havias de andar puxando uma carroça.  
– Em suma, se és escravo a culpa não é nossa.  
Fazer justiça – eis só nosso dever.  
– E o meu?  
– Por isso quem comete um crime como o teu  
Vai ao júri e perante o código responde.  
– Mas o júri o que é?  
– Um tribunal aonde  
Todo o réu tem de ser julgado por seus pares;  
Direi – por seus iguais – afim de interpretares  
O sentido da lei. Assim, esses juizes  
Ouvem a acusação, ouvem o que tu dizes,  
Consultam a consciência e julgam-te afinal.  
– Então deverá ser composto o tribunal  
De escravos como eu sou...  
– Ingênuo criatura!  
Escravo que se faz rebelde até a loucura  
Do crime, fica sendo um homem como os mais,  
Porque a lei não se fez para os irracionais.  
Sendo um homem, é livre – e sendo livre – é igual  
A todos que o vão julgar no tribunal.  
Se queres que te diga, eu mesmo não entendo  
Estas tricas da lei. Creio que ficas sendo  
Animal – se és escravo, e escravo – se suportas  
Tudo, sem te queixar. Se o crime abre-te as portas  
De um tribunal, então não olha-se à tua cor:  
  
Criminoso – és no júri igual ao teu senhor

## Aos Fidalgos

Quem quer que vós sejais – excelso potentado,  
Marquês, conde ou barão, ministro ou deputado,  
Nédio comendador, astuto conselheiro,  
Manda-chuva d'aldeia ou simples fazendeiro,  
Se gozais da nobreza os foros e a vaidade,  
Mas se também prezais os cultos da verdade,  
Não toqueis na questão de cor que é uma impostura.

A pele pode ser mais clara ou mais escura,  
Mas trata-se de sangue, e sangue brasileiro.  
E se vossa ganância, e sede de dinheiro  
Levou-vos a comprar o sangue de um irmão,

A culpa não é minha ou dele; é uma questão  
Que afeta unicamente a vossa consciência.

Quanto ao vosso desprezo, ouvi-me:

– É uma indecência

Que afeteis sangue azul, cor branca e raça pura;  
Vós bem sabeis que agora quando alguém procura  
Falar em sangue puro e vai encomiá-lo,  
Todo o mundo supõe tratar-se de um cavalo  
Que se vai inscrever nas próximas corridas.  
Esse orgulho de ver as raças discutidas,  
Lisongeia a nobreza apenas, porque os mais,  
Gente que não renega o sangue de seus pais,  
Sabem que isto de sangue azul em nossos dias  
É droga Fritz Mack, e vem das ucharias  
Do paço imperial. Somente nesse empório  
Fabrica-se: quem quer, vai ao laboratório  
Deixa-se dessorar um tanto da catinga  
De seus avós, e Alguém enchendo uma seringa  
Daquela droga, faz nas veias do paciente  
Uma leve incisão, por onda incontinente  
Injeta-lha...

E conforme as posses do freguês

Transforma-o em barão, em conde ou em marquês!

Tão fácil e rendosa é a coisa, que inda um dia

Talvez se faça disto uma tinturaria!

Num país como o nosso, há muitas decepções

Ocultas pela sombra espessa dos braços,

Que podem vir à luz no choque das idéias...

.....

Quanto a mim – que não tenho o sangue azul nas veias,

Se um fidalgo me diz – “Minha nobreza é alta!”

E o sangue dos avós com entusiasmo exalta,

Fingindo desprezar – com gesto de táful –

A cor dos que não têm como ele o sangue azul,

Eu vos posso jurar – esse fidalgo ardente

Quer ocultar ao mundo a pele de um parente

Cujo próximo avô nasceu numa cabana,

Filho de um europeu que amou uma africana!

\*\*\*

Os dois textos acima são excertos de *Os latifúndios*, livro de poesia de Hipólito da Silva publicado em 1887 pelo Editor L. Lousada, de São Paulo, e que se constitui hoje numa raridade bibliográfica. Embora as dez composições reunidas nesse volume tenham título próprio – e uma delas inclusive subtítulos, – podem ser consideradas partes de um só e mesmo poema, tal a unidade de concepção que ostentam. Oito anos depois de *Os latifúndios*, publicou Hipólito da Silva outro

livro de poesia, *Humorismos da propaganda republicana*, cujos três volumes são igualmente raridade bibliográfica.

*Os latifúndios*, que trazem em epígrafe uma citação latina de Plínio, "Latifundia perdidere Italiam", estão dedicados à memória de Luis Gama, campeão do abolicionismo em São Paulo e autor das *Trovas burlescas*, publicadas pelo mesmo J. Lousada que editou o livro de Hipólito. Tendo como tema geral a exploração do trabalho escravo pelos grandes proprietários rurais do Brasil, *Os latifúndios* estão escritos no verso alexandrino privilegiado pelos parnasianos, muito embora o de Hipólito da Silva ostente sonoridades hugoanas que oscilam entre a oratória de comício e as tiradas de melodrama à Guerra Junqueiro, autor de marcante influência naquela quadra. Ainda que explorasse de quando em quando alguns dos lugares-comuns mais sentimentais da poesia abolicionista, a exemplo do escravo libertado de seus grilhões pela morte, preferiu o autor de *Os latifúndios* voltar-se às mais das vezes para os contra-sensos da ordem jurídica da escravocracia. É o que se pode ver bem no excerto de "O código" transcrito acima.

Outro alvo das objurgatórias de Hipólito da Silva foi a oligarquia rural paulista, de cujos foros de nobreza escarnece em "Os fidalgos". Ai ele retoma o tema da célebre "Bodarrada", poema em que Luís Gama satirizava as veleidades de sangue limpo do patriciado rural. Como se sabe, os interesses desse patriciado preponderaram na Convenção de Itu, a ponto de o manifesto republicano de 1870 por ela redigido deixar de incluir a abolição da escravatura entre as medidas reformadas que preconizava. Para Hipólito da Silva, República e Abolição se confundiam num só anseio libertatório, donde ele insurgir-se, noutra passo de *Os latifúndios*, contra a "voz potente" de um interesse capaz de dizer:

"São escravos, é certo, e eu sou... republicano;  
Em política tem a liberdade uns brilhos...  
Mas em casa... ai de mim! Tenho mulher e filhos  
Que não hão de querer, decerto, ir para o eito.  
Sempre quero ver, pois, como e por que direito  
Me virão despojar daquilo que possuo".

Se bem a modéstia dos dotes literários de Hipólito da Silva e o caráter puramente circunstancial de seus versos justifiquem o esquecimento em que ficaram, nem por isso deixam eles de ter interesse como ilustração de um momento histórico de engajamento da poesia nas causas político-sociais.

José Paulo Paes.



TRABALHADOR DO MATO

63

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco*. São Paulo, Martins, 1941. v. 2. (Col. Geral - Biblioteca/IEB).  
Ilustr. Victor Frond.